

O campo religioso brasileiro: pesquisas e produção do conhecimento – à guisa do crescimento pentecostal

Fábio Alves Ferreira *

Resumo: Este artigo aponta as mudanças recentes no campo religioso brasileiro e a forma como elas foram captadas pela academia. A produção acadêmica sobre religião é intensa e plural. O debate em torno de um possível encantamento, desencantamento e reencantamento, transversalmente cortado pelas idéias de secularização e racionalização, tem sido basilar em toda a discussão. O pentecostalismo tem ocupado um lugar privilegiado, sobretudo por seu vertiginoso crescimento e pulverização nos espaços públicos e laicos. Tudo isso é uma tentativa de compreender as variações da religião na contemporaneidade e a forma em que ela tem-se inscrito na história; ainda mais, a maneira como ela modifica a realidade, forja comportamentos e instaura identidades no seio da sociedade brasileira.

Palavras chaves: religião; pentecostalismo; secularização, desencantamento do mundo; sociedade.

Abstract: This article outlines the recent changes in the Brazilian religious field and how they were received by the academy. Academic production on religion is intense and plural. The debate around a possible enchantment, disenchantment and reenchancement, cut across the ideas of secularism and rationality, has been fundamental in the whole discussion. The pentecostalism has occupied a privileged place, especially for its dizzying growth and spraying in public spaces and secular. All this is an attempt to understand the changes in contemporary religion and the way in which it has been recorded in history, even more, how it changes the reality, forging behavior and identities established in the Brazilian society.

Keywords: religion, Pentecostalism, secularization, disenchantment of the world, society.



No Brasil, Mariz tem desenvolvido pesquisas nas quais tem reafirmado uma profunda afinidade da religião e experiência psicológica que resulta das necessidades e atividades materiais dos adeptos. Rejeitando uma perspectiva funcional, ela ainda argumenta que tais necessidades não determinam a cultura religiosa dessas pessoas. Mariz centra sua análise no pentecostalismo mostrando que essa demanda religiosa ajuda o indivíduo a enfrentar a pobreza em nível micro, pois eleva a sua auto-estima (MARIZ, 1996). Ela, juntamente com Maria das Dores Campos Machado, assume uma perspectiva de leitura a partir da sociologia compreensiva, dando destaque ao conceito de *racionalização*, inclusive na análise do chamado neopentecostalismo (MARIZ &

Embora haja uma intensidade na produção científica referente ao campo religioso brasileiro, encontramos esparsas, ou quase nenhuma análise da autonomia que o sujeito religioso adquire para remodelar a sua fé; para dar conta de situações, cujas instituições religiosas não postulam nada além de valores coletivos rígidos. Michel de Certeau já afirmou que na esfera individual a economia cultural é modificada, de maneira que no cotidiano de indivíduos, ou grupos marginais, se aplica de outra maneira. A esse fenômeno Certeau chama de *engenhosidades do fraco para tirar partido do forte* (CERTEAU, 2005).

27

Ainda outros pesquisadores desenvolvem pesquisas que tentam compreender a multiplicidade do pentecostalismo. Entre esses, está Leonildo Silveira Campos para quem o pentecostalismo se adapta bem às mudanças intensas da modernidade (CAMPOS, 1996). Em certa medida Campos tem dialogado com Mariz e sustenta que nos Estados Unidos, ambiente onde os preconceitos raciais eram tolerados, houve a representação de que as seitas são procedentes de minorias proscritas (CAMPOS, 2005). Campos (1997) e também Ari Pedro Oro (1992), têm pesquisado o campo político dando ênfase aos empreendimentos empresariais pentecostais e sua representatividade na mídia.

A bibliografia sobre pentecostalismo e aspectos que envolvem o mundo rural são curta e pouca explorada. Nessa linha destacamos os trabalhos de Regina Reyes Novaes. Ela analisou as repercussões da adesão religiosa a uma Igreja Assembléia de Deus, no Município de Santa Maria, no Agreste pernambucano. Para Novaes, ser crente e ser camponês, naquele contexto, significava conceber práticas cotidianas integradas de preceitos religiosos (NOVAES, 1985). Novaes pesquisou essa comunidade na primeira metade da década de 1970. Desde então diversos processos aconteceram no cenário religioso brasileiro que contribuíram para modificação da realidade social. Entre esses destacamos o intenso florescimento religioso do pentecostalismo (JACOB *Et. Alli*, 2003). Dessa maneira a sua pesquisa nos traz pistas interessantes, porém de uma localidade diferenciada e de um fenômeno que já se modificou.

Outra pesquisa relacionada aos pentecostais, na condição de moradores de assentamentos de reforma agrária, foi

desenvolvida por Wilson de Luces Fortes Machado. Ele analisou o pentecostal e os conflitos de sua prática religiosa, nos Assentamentos Sumaré I e II, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no Estado de São Paulo (MACHADO, 1995). Porém o trabalho de Machado apresenta algumas dificuldades incipientes: falta analisar a razão pela qual o pentecostal insere-se no MST; e uma articulação da pesquisa de campo com os teóricos, no corpo do texto de sua dissertação. Um bom exemplo de aprofundamento é o estudo de Hélio Sales Rios. Ele estudou o fenômeno de reelaboração dos pressupostos religiosos, de camponeses militantes do MST, que na ausência de instituições religiosas engendraram novas formas de conceber seus dogmas religiosos (RIOS, 2002). Entretanto Rios analisa sujeitos evangélicos de igrejas protestantes históricas.

Há ainda o trabalho de Lalive D'Epinay que estudou o pentecostalismo no Chile e seu rápido crescimento na zona rural. D'Epinay concluiu que o êxito pentecostal se deve à sua capacidade de releitura cultural e acomodação às redes de significado que norteiam as práticas cotidianas de determinada sociedade (D'EPINAY, 1970). Inicialmente suas constatações são semelhantes aos trabalhos até aqui citados, porém D'Epinay interpreta o crescimento pentecostal a partir da idéia de alienação de Karl Marx. Nesse último a religião é o ópio do povo e o refúgio das massas no primeiro (MOTTA, 2001). Olhar esse crescimento religioso por esse viés pode representar uma limitação da significação que esse sistema assume na vida desses camponeses.

Uma outra discussão coloca-se na capacidade de mutação do pentecostalismo, o que também gera entre os pesquisadores dificuldades para

tipificá-lo.¹ Ricardo Mariano faz uso do modelo das três ondas, aplicadas no Brasil por Paul Freston (FRESTON, 1993). Este último, diz que o desenvolvimento histórico do pentecostalismo no Brasil pode ser explicado a partir de três momentos: 1ª onda em 1910 a 1950; 2ª onda até meados da década de 1970; e a 3ª onda até os dias atuais. Mariano retoma esse paradigma e nomeia cada período seguindo respectivamente a seguinte ordem: pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo (MARIANO, 1999). Esse modelo facilita a compreensão do pentecostalismo de um ponto de vista metodológico. Contudo, tipificar o pentecostalismo pode significar a não contemplação da versatilidade com a qual essa religião se apresenta.

A nosso ver, as discussões são mais bem localizadas quando acontecem a partir de conceitos mais amplos, como o debate acerca do desencantamento e reencantamento. Alguns afirmam que há um reencantamento na sociedade brasileira, explicitado pelo crescimento religioso (SUNG, 2005). Entretanto, a maioria dos pesquisadores enfatiza os aspectos racionais das práticas religiosas (PIERUCCI, 2001). Paulo Barrera Rivera embalado pelos conceitos de Marcel Gauchet, discorre sobre a convalidação entre religião racionalizada e desencantamento do mundo. Assim, escreve que mesmo que as religiões

tenham características de magia, não deixam de ter um fim claramente objetivado. Desta maneira, ele reafirma a premissa de que mesmo o pentecostalismo na América Latina é uma *religião para sair da religião* (RIVERA, 2001).

Decorrente dessas percepções está a idéia de secularização e dessecularização (MARIZ, 2000). Berger embora tenha preferido uma reflexão weberiana como modo de entender o fenômeno religioso, também argumenta sobre a possível dessecularização das sociedades, evidenciado pela proliferação religiosa. Para ele, um bom exemplo é o crescimento pentecostal na América Latina (BERGER, 2000). Burity argumenta a favor de um engano de interpretação na associação entre secularismo e modernidade. As trincheiras entre religião e outras esferas públicas já não são tão demarcadas. Para ele há uma reocupação do religioso em espaços fora dos limites da instituição e, portanto não se deve confundir secularização com modernidade, pois *nem a relação entre ambas é causal, nem tem uma única direcionalidade* (BURITY, 2008).

Um modo de entender o florescimento das religiões pentecostais no Brasil é bem explicitado por Roberto Mauro Cortez Motta, para quem há dois paradigmas vigentes nos estudos já produzidos sobre o assunto. O primeiro é o paradigma *otimista ou progressista* que reconhece afinidades entre o pentecostalismo e a modernidade. O segundo paradigma é nomeado de *pessimista* e bem representado por Lalive D'Epinay e a idéia de que o pentecostalismo é o refúgio das massas (MOTTA, 2002). Embora o pentecostalismo seja claramente uma religião de acintosos aspectos emocionais, não deixa de incentivar e

¹ É comum encontrarmos diversos neologismos forjados com o intuito de contemplar a diversidade pentecostal no Brasil. Para uma análise das propostas metodológicas indicamos dentre outros: GIUMBELLI, Emerson. A vontade de saber: terminologias e classificações sobre o protestantismo brasileiro. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 21, nº 1, pp. 87-119, 2000. – SIEPIERSKI, Paulo D. Pós-pentecostalismo e política no Brasil. *Estudos Teológicos*, Rio Grande do Sul, IECLB, v. 37, nº 1, pp. 47-61, 1997.

desenvolver ações racionalmente elaboradas com um fim, de acordo com a sociologia compreensiva de Weber (WEBER, 2005). Nesse sentido o pentecostalismo também favorece e consolida um modo de pensamento moderno (MOTTA, *Op. cit.*).

Outro espaço de discussão é sobre a diversidade religiosa no Brasil. Embora, no último Censo Demográfico do IBGE tenham sido coletadas 35 mil respostas diferentes para religiões do povo brasileiro (CAMURÇA, 2006), a idéia de diversidade não é bem aceita. Antônio Flávio Pierucci mostra que a diversificação religiosa, no Brasil, segue alguns ramos da religiosidade cristã. Desse ponto de vista, não seria adequado o uso do termo *diversificação religiosa* (PIERUCCI, 2004, 2006). Segundo a análise de Marcelo Ayres Camurça cerca de 92,85% da população brasileira se declara praticante de alguma religião. Desse total, as religiões cristãs representam 89,25%. Com esse contingente de religiosos cristãos, parece mesmo não haver uma pluralidade. Mas, ainda que não sejam tão evidentes as diversidades de crenças, são inegáveis os aspectos modernos desta configuração, pois há uma explícita liberdade de escolha (CAMURÇA, *Op. cit.*).

Modernidade, desencantamento, reencantamento e secularização são conceitos que identificam uma mesma discussão do campo religioso brasileiro. Nesse intercâmbio de opiniões a questão *sine qua non*, a nosso ver, é a tentativa de compreender as variações da religião na contemporaneidade e a forma em que ela tem se inscrito na história; ainda mais, a maneira como ela modifica a realidade, forja comportamentos e instaura identidades no seio da sociedade brasileira. Tais interações são formadas por um hibridismo de concepções religiosas que no cotidiano reverberam

em tensões e articulações de grupos religiosos; arranjos sociais, culturais e políticos além de adaptações e ganhos entre instituições religiosas e demais instituições da esfera pública.

Referências

BERGER, Peter L. A dessecularização do mundo: uma visão global. Rio de Janeiro: **Religião e Sociedade**, 2000, v. 21, nº 1, pp. 9-25.

BURITY, Joanildo A. **Identidade e Política no Campo Religioso: estudos sobre cultura, pluralismo e o novo ativismo eclesial**. Recife: UFPE, 1997.

_____. Trajetórias da religião e modernidade: a narrativa histórica de uma objeção. **Estudos de Sociologia**. Recife, v. 13, nº 1, pp. 19-48.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouca avaliada. **Revista USP: Dossiê Religiosidade no Brasil**, São Paulo, nº 67, p. 104, set-nov, 2005.

_____. Protestantismo histórico e pentecostalismo no Brasil: aproximações e conflitos. IN: CAMPOS, Leonildo Silveira; GUITIERREZ, Benjamin F. **Na força do espírito: os pentecostais na América-Latina – um desafio às igrejas históricas**. São Paulo: AIPRAL, 1996.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. (orgs). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

D'EPINAY, Christian Lalive. **O refúgio das massas: estudo sociológico do protestantismo Chileno**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao Impeachment**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Políticas. Campinas: UNICAMP, 1993.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GIUMBELLI, Emerson. A vontade de saber: terminologias e classificações sobre o protestantismo brasileiro. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 21, nº 1, p. 87-119, 2000.

JACOB, César Romero; HEES, Dora Rodrigues; WANIEZ, Philippe, BRUSTLEIN, Violette. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. São Paulo/Rio de Janeiro: Loyola, Editora PUC-Rio, CNBB, 2003.

MACHADO, Maria das Dolores Campos. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas: ANPOCS, 1996.

MACHADO, Wilson de Luces Fortes. **Entre o sonho e a fé: o pentecostal e os conflitos de sua prática religiosa, nos assentamentos Sumaré I e II, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - São Bernardo do Campo: UESP, 1995.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIZ, Cecília Loreto. *Coping with poverty: pentecostals and Christian Base Communities in Brazil*. Philadelphia: Temple University Press, 1994.

_____. Secularização e dessecularização: comentários a um texto de Peter Berger. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 2000, v. 21, nº 1, pp. 25-39.

MARIZ, Cecília Loreto; MACHADO, Maria das Dolores Campos. Mudanças recentes no campo religioso brasileiro. Niterói: **Antropolítica**, 1998, nº 5, pp. 21-43.

_____. Weber e o neopentecostalismo. In: **Caminhos**, Goiânia, v. 3, nº 2, 2005, p. 253-274.

MOTTA, Roberto Mauro. Constantes e Contrastes: alguns problemas da interpretação sócio-antropológica do protestantismo brasileiro. In: I Simpósio Regional do CEHILA-Nordeste: Vivências religiosas no Brasil – dos indígenas aos mestiços. **Anais**. Recife: UFPE, 2002, pp. 1-9.

_____. Religiões éticas e religiões sacrificiais: seu crescimento simultâneo

no Brasil atual. In: VII Encontro de Antropólogos do Norte-Nordeste: GT 3 – Antropologia da Religião, **Anais**. Recife: UFPE, 2001, pp. 1-13.

NOVAES, Regina Reyes. **Os escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. Ciências Sociais e religião: a religião como ruptura. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. (orgs). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006.

RIOS, Hélio Sales. **A reelaboração da fé para ocupar, resistir e produzir: o papel da religião no cotidiano do acampamento e do assentamento do MST em Iaras-SP**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: UESP, 2002

RIVERA, Paulo Barrera. **Tradição, transmissão e emoção religiosa: sociologia do protestantismo contemporâneo da América Latina**. São Paulo: Olho D'água, 2001.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto. **Globalização e religião**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SIEPIERSKI, Paulo D. Pós-pentecostalismo e política no Brasil. **Estudos Teológicos**, Rio Grande do Sul, IECLB, v. 37, nº 1, pp. 47-61, 1997.

SUNG, Jung Mo. **Sementes de esperança: a fé em um mundo em crise**. Petrópolis: Vozes, 2005.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Volume 1. Brasília: UNB, 1972.



* **FÁBIO ALVES FERREIRA** é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: fabio_al@yahoo.com.br.